

Afrofobia está
CRÍTICA

Sozinha, uma mulher

Antes de saber
resultado, Dilma já

O adeus
melancólico de Dilma

Vera potente e alucinadamente lúcida

PAULA VARANDA 04/04/2016 - 16:17

***O Limpo e o Sujo* é uma peça que transborda de movimento e que desmonta com humor as virtudes da higienização.**



Vera Mantero tirou o melhor partido da repetição, enquanto técnica coreográfica elemental TUNA

A nova obra de Vera Mantero teve estreia absoluta no âmbito do ciclo “as 3 ecologias” denominado segundo um ensaio de Félix Guattari (1989) (<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/corpos-que-se-limpam-de-um-mundo-feito-num-oito-1727704>). Nesse texto, referencial para o

ciclo que decorre em Lisboa, o filósofo francês reclama a reavaliação dos índices de qualidade de vida do sistema capitalista (como o PIB e o poder económico), e argumenta a construção de um futuro ambientalmente sustentável, colectivamente negociado e individualmente trabalhado.

O conhecimento deste contexto não é fundamental para presentir a qualidade vigorosa da obra a que se lançou Mantero, mas ele demonstra a sua capacidade notável de pôr a teoria em prática: os princípios pós-estruturalistas e os ideais de uma sociedade descentralizada mas actuante, inerentes à “Ecosofia” de Guattari, são organizadores que aparecem nitidamente em cena.



★★★★★

O Limpo e o Sujo

(<http://lazer.publico.pt//359359>)

Interpretação: Elizabete

Francisca, Volmir

Cordeiro, Vera Mantero

Coreografia: Vera

Mantero

Cenografia: João Ferro

Martins

Figurinos: João Ferro

Martins

Teatro Maria Matos com

bancada

1 de Abril

Esgotado

O Limpo e o Sujo é uma peça das acções

(<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/corpos-que-se-limpam-de-um-mundo-feito-num-oito-1727704>), que transborda de movimentos, e que desmonta com humor as virtudes da higienização face às contradições e promiscuidade da vida humana, pessoal ou mundial. Afinal, quanto suja a limpeza? E quanto vale uma sujeira?

Num ritmado prelúdio duas mulheres e um homem defrontam o público desafiando, com habilidosa precisão e energia, uma série de gestos de limpeza de si - limpeza física e limpeza espiritual. Esfregadelas do peito

para fora, para cima, para o meio e para baixo, com a palma da mão ou com a ponta dos dedos; afastar impurezas da vista; fungar para expelir a porcaria pelo nariz; limpar os ouvidos; desemaranhar os pensamentos e reorganizar a cabeça; despir, enfim, o desnecessário e sentir a satisfação desse esvaziamento libertador.

Vera Mantero, Elizabete Francisca e Volmir Cordeiro introduzem assim os materiais essenciais de uma riquíssima coreografia, que será sempre conduzida pelos gestos físicos e pelo seu significado subjectivo, à qual os bailarinos dão corpo e cara com uma personalidade e empenho muito justos e inspiradores.

O palco despido com bastante luz e alguma tralha técnica à vista, assim como uma banda sonora melódica mas percussionista, proporcionam uma atmosfera algo confusa e ruidosa onde se instala, ciclicamente, um caos imaterial e convergente em clímaxes que fraccionam a peça. Os intérpretes reforçam as transições de ciclo com alguns uníssonos e agregações mas, neste ambiente, os três seres percorrem sobretudo caminhos próprios e sobrepostos – sublinhando o compromisso pessoal - e no seu curso reconhecemos o vocabulário inventado e transmitido de uns para outros em comunidade.

Mantero tirou o melhor partido da repetição, enquanto técnica coreográfica elementar, conferindo ao efémero corporal um poder de impressão e visibilidade epistemologicamente importantes. Vemos que é possível criar um novo articulado comum e duradouro; porque é tão belo e tão estranho, tão ágil e tão duro, tão óbvio e tão intangível, a sua complexidade é evidente; e percebemos que funciona.

Rebuscar na história da artista também não é essencial para defender a pertinência desta peça. Porém, ao compará-la com alguns antecedentes - como *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991) ou *Poesia e Selvajaria* (1998) - confirmamos a coerência de um percurso de risco marcado pela dialéctica entre pesquisa artística e pesquisa política. Vera Mantero pensou, pensou, pensou... e agora presenteou-nos com uma nova dança colectiva de fôlego onde ela própria dançou tão bem: alucinadamente lúcida, como sempre.